



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

ESPIRITUALIDADE, BELEZA E NEGRITUDE

SPIRITUALITY, BEAUTY AND BLACKNESS

Jonas Luiz de Souza*
Carolina Bezerra de Souza**

Resumo:

Este texto trata de espiritualidade, sabedoria, beleza e negritude, e tem como protagonista uma das mais enigmáticas figuras do Antigo Testamento, a Rainha de Sabá. Busca-se aqui traçar um perfil dessa mulher pouco mencionada na Bíblia, mas bem comentada nas tradições judaicas, islâmicas e cristãs. Ela é primeiramente apresentada na Bíblia – em I Rs 10. 1-10,13 – E, principalmente comentada por Orígenes de Alexandria, em sua Homília ao Cântico dos Cânticos. Orígenes têm-na como um tipo da Igreja, conforme Ct 1.5. Estes textos bíblicos junto com as tradições judaicas e islâmicas e mais as tradições cristãs etíopes, projetam ser a Rainha de Sabá uma mulher Negra, Linda e Sábia. Mas não somente isto, a Rainha de Sabá faz parte do sistema de culto e da tradição cristã de um povo inteiro, que não apenas a venera como rainha, mas crê que se encontram nela as bases fundantes do cristianismo etíope. Orígenes vê na Rainha de Sabá, tipificada no Cântico dos Cânticos, como sendo negra e bela, um ideal de espiritualidade, um modelo de relação entre Cristo e a Igreja.

Palavras-chave: Espiritualidade. Rainha de Sabá. Negra. Bela.

Abstract:

This text deals with spirituality, wisdom, beauty and blackness, and has as its protagonist one of the most enigmatic figures of the Old Testament, the Queen of Sheba. The aim here is to outline a profile of this woman little mentioned in the Bible, but well commented on in Jewish, Islamic and Christian traditions. It is first presented in the Bible – in I Kings 10. 1-10,13 – And, mainly commented on by Origen of Alexandria, in his Homily to the Song of Songs. Origen has her as a type of the Church, according to Song of Songs 1:5. These biblical texts, along with Jewish and Islamic traditions and more Ethiopian Christian traditions, project the Queen of Sheba to be a Black, Beautiful and Wise woman. But not only that, the Queen of Sheba is part of the cult system and Christian tradition of an entire people, who not only venerate her as queen, but believe that in her are found the founding bases of Ethiopian Christianity. Origen sees in the Queen of Sheba, typified in the Song of Songs, as being black and beautiful, an ideal of spirituality, a model of the relationship between Christ and the Church.

Keywords: Spirituality. Queen of Sheba. Black. Lovely.

* Jonas Luiz de Souza. Mestrando em Teologia – Faculdades EST. Bacharel em Teologia (FAEPI), Licenciatura Plena História (UNIASSELVI). E-mail: jonasluiz@hotmail.com.

** Carolina Bezerra de Souza. Professora Doutora em Ciências da Religião (PUC-Go). Pesquisadora do Programa de Gênero e Religião. Professora de Novo Testamento no PPG das Faculdades EST. E-mail: carolina.bezerra@est.edu.br.

Introdução

A Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, contém uma história única dentre tantos lugares que podem ser visitados na Cidade Santa. Nos dias atuais, seis diferentes Igrejas cristãs guardam o Santo Sepulcro: ortodoxos gregos, ortodoxos armênios, católicos romanos (franciscanos), coptas, siríacos e etíopes.

Embora a interação entre eles seja quase nula, a mistura de vestimentas, rituais e cânticos de cada grupo torna o Santo Sepulcro um lugar muito especial para todos os visitantes, independente de qual seja o seu sistema de culto. “Rivais dentro da mesma fé, as várias igrejas disputam espaço — capelas, túneis e grutas — e tempo, definindo com rigidez os horários das celebrações de cada comunidade religiosa”¹.

Dentre os lugares ocupados, talvez um dos menos privilegiados é o da Igreja Etíope. Os etíopes foram relegados ao telhado do Santo Sepulcro, um dos lugares mais distantes do provável local do túmulo de Jesus. A Igreja Etíope se espalhou por diversas câmaras entre as abóbadas rasas no teto do Santuário. Segundo Marina Warner, historiadora e crítica de arte, nenhum lugar em Jerusalém rivaliza em teatralidade com a Igreja Etíope.

Na capela onde os etíopes celebram seu culto, uma pintura conta a história dos ancestrais fundadores deste ramo da fé cristã. Não Adão e Eva, mas Salomão e a Rainha de Sabá. Representa o encontro do rei com a rainha de Sabá em Jerusalém. A pintura ocupa uma das paredes laterais do pequeno santuário e desdobra a história em episódios, como uma história em quadrinhos, os personagens são delineados com ênfase [...], com olhos negros imensamente aumentados e, novamente, os amarelos, ocres e vermelhos da paisagem árabe. [...] os etíopes reivindicaram Salomão e a rainha de Sabá como seus antepassados genealógicos diretos.²

Da mesma maneira que os etíopes na Igreja do Santo Sepulcro, a rainha de Sabá também foi colocada às margens da tradição hebraica, cristã ou muçulmana. Mulher, negra e estrangeira. Sim, este é o fato, diz a Vulgata: “*Nigra sum, sed Formosa*”³; negra e bela (Ct 1.5).

¹ MOTA, Margarida. Os guardiães muçulmanos do túmulo de Jesus. In: *Expresso*, Matosinhos, abr. 2017. Seção “Sociedade”. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2017-04-16-Os-guardiaes-muculmanos-do-tumulo-de-Jesus>. Acesso em 2 de julho, 2022.

² WARNER, Marina. Dentro e fora da congregação: sabedoria, perigo e fascínio na História da Rainha de Sabá. In: BÜCHMANN, Christina; SPIEGEL, Celina (Orgs.). *Fora do Jardim: mulheres escrevem sobre a Bíblia*. Tradução de Tania Penido. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 163.

³ GRYSOON. Roger et al (Eds.). *Bíblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. 4. ed. Corrigida. São Paulo: SBB, 2011.

O REINO DE SABÁ (SHEBA)

Ainda hoje há muitas divergências entre os pesquisadores quanto a real localização do reino de Sabá. Segundo Sweeney,

os intérpretes não conseguiram estabelecer definitivamente a identidade da rainha ou a localização de seu reino. Estudos anteriores identificaram Sheba com a Etiópia, com base em parte na tradição de que a dinastia governante etíope, que terminou com a derrubada de Haile Selassie em 1974, era descendente do rei Menelik, filho de Salomão e da rainha de Sabá. Os defensores de uma identificação etíope apontam para as tradições egípcias relativas ao comércio com o reino de Punt, localizado ao longo do Mar Vermelho na moderna Eritreia, de 2500 a.C. até 1170 a.C.⁴. (Tradução nossa).

Outros estudiosos assumiram que “Sabá” faz referência a uma rica cidade portuária no lêmên conhecida por seu comércio de especiarias e sua produção de mirra e incenso. Porém, segundo Brueggemann, quase nada se sabe sobre Sabá. É comum pensar que se tratava de um reino localizado em algum lugar da península arábica. No entanto, devido a sua pouca menção no Antigo Testamento, fica claro que Sabá não está incluído no mundo periférico de Israel. Isso sugere que a conexão de Salomão com Sabá é um alcance extravagante, possível apenas no auge do sucesso econômico. Talvez se deva concluir que Sabá foi escolhido como representante do relato textual, justamente por ser remoto e pouco conhecido. Isso aumenta a maravilha do encontro⁵.

UMA MULHER EXTREMAMENTE SÁBIA

A rainha de Sabá aparece por primeira vez no livro dos Reis, na Bíblia. Assim o texto bíblico a apresenta:

Tendo a rainha de Sabá ouvido a fama de Salomão, com respeito ao nome do SENHOR, veio prová-lo com perguntas difíceis. Chegou a Jerusalém com mui grande comitiva; com camelos carregados de especiarias, e muitíssimo ouro, e pedras preciosas; compareceu perante Salomão e lhe expôs tudo quanto trazia em sua mente (I Rs 10.1-2).⁶

⁴ SWEENEY, Marvey A. *I & II Kings: a commentary*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2007, p. 147. *Original: “Interpreters have been unable to establish definitively the queen’s identity or the location of her kingdom. Past scholarship identified Sheba with Ethiopia, based in part on the tradition that the Ethiopian ruling dynasty, which ended with the overthrow of Haile Selassie in 1974, was descended from King Menelik, the son of Solomon and the queen of Sheba. Supporters of an Ethiopian identification point to Egyptian traditions concerning trade with the kingdom of Punt, located along the Red Sea in modern Eritrea, from 2500 B.C.E. through 1170 B.C.E.”*

⁵ BRUEGGEMANN, Walter. *1 & 2 Kings*: Macon, GA: Smyth & Helwys Publishing, 2000. p. 131.

⁶ As citações bíblicas foram extraídas de: A BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Governante de um Reino chamado Sabá, a rainha de alguma forma descobre a fama do rei Salomão e decide visitá-lo. Ela faz uma série de perguntas difíceis – o texto bíblico não nos diz quais são –, a que Salomão responde com profundidade. Vendo o palácio, os servos, o sistema de rituais e holocaustos, e a sabedoria do rei, fica “fora de si”. Antes de partir, a rainha presta homenagem a Salomão, dando-lhe ouro, pedras preciosas e especiarias. O rei, por sua vez, concede-lhe tudo o que ela havia desejado.

A motivação da Rainha de Sabá para agir deste modo não está explícita na narrativa. O texto citado diz simplesmente que ela ouve falar da fama de Salomão, claramente ligado à sua sabedoria e riqueza, e vem para testá-lo. “A rainha é obviamente inteligente o suficiente [...] para construir tais enigmas ou perguntas para testá-lo”⁷. O texto não nos dá nenhuma sugestão de que ela esteja buscando respostas principalmente para si mesma. Seu desejo de ganhar algo com estes enigmas está relacionado com sua sabedoria. Assim, seu desejo está ligado a uma ideia implícita de que ela pode ser a vencedora do teste.

Embora vários comentários interpretem a visita da Rainha a Salomão como uma espécie de 'missão comercial', e acordos sobre comércio possam ter sido previstos por ela⁸, o texto não fornece outra motivação para a Rainha além de seu desejo para testar Salomão.

É neste sentido que bem assevera Maricel López: “[...] a capacidade de discernimento da rainha de Sabá, passa pela observação e a escuta”⁹. Uma potente capacidade de discernimento e compreensão, isto, sem falar no nível das perguntas. Falando dos verbos-chaves usados no texto bíblico, López avalia que

Os dois verbos “ver e escutar” *ra’ah e xama’* tem conotação de “dar-se conta de...”, “perceber de forma inteligível” e isso foi o que essa mulher fez: portou-se inteligivelmente. Ela escutou sobre Salomão e veio para verificar e por [*sic*] à prova a suposta sabedoria do rei. Mas esse processo inteligível é simplesmente despercebido [*sic*] e sufocado pela “magnificência” das respostas desse rei sábio.¹⁰

⁷ TIDSWELL, Toni. A Clever Queen Learns the Wisdom of God: The Queen of Sheba in the Hebrew Scriptures and the Qur'an. *Hecat*, Brisbane, QL, v. 33, n. 2, p. 43-55, 2007. Original: “*She is obviously intelligent enough, [...] to construct such riddles or questions to test him*”. Disponível em: <https://hecate.communications-arts.uq.edu.au/volume-332-2007>. Acesso: 9 jan. 2023.

⁸ BRUEGGEMANN, 2000, p. 131.

⁹ LÓPEZ, Maricel Mena. A Rainha de Sabá: uma proposta de reconstrução histórica da sabedoria da sabedoria feminina afro-asiática do século X a.C. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 11, n. 42, p. 19-33, jan./mar. 2003. p. 22. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/24950/17809>. Acesso em: 2 jul. 2022.

¹⁰ LÓPEZ, 2003, p. 22.

O texto bíblico valoriza a sabedoria de Salomão, entretanto desconsidera a sabedoria contida nas perguntas feitas pela rainha de Sabá. Ao comentar sobre essa passagem, Marina Warner escreve: “Além da relação de seus presentes, é a sua personalidade que os autores nos convidam a admirar. Sua mente. Porque a rainha do Sabá é uma mulher singular no panteão cristão”¹¹. Ainda, segundo Warner, a Rainha é um contraste para Salomão: É a sabedoria e a beleza de Sheba que aumentam a grandeza de Salomão.

Ao colocar somente a sabedoria de Salomão em evidência, de acordo com López, o contexto patriarcal salta a vista, tendo como objetivo reforçar a fama do monarca, “[...] não podemos esquecer de que [sic] se trata de uma mulher pertencente a uma outra cultura e, que de certo modo, as memórias antigas que sustentam o relato nos revelam a autonomia e sabedoria das mulheres estrangeiras”.¹²

Para Lassner, ela cruza perigosamente os limites de gênero, “[...] a rainha de Sabá, uma mulher orgulhosa e presunçosa cuja presença ameaça abalar o mundo equilibrado e harmonioso de Salomão” (tradução nossa)¹³. Uma mulher com senso de independência incomum e com uma inteligência superior aos príncipes. Na interpretação de Lassner

[...] Bilqis não está preparada para aceitar o lugar de uma mulher entre os humanos. Ela também não ficará confinada, como os jinnis mantidos em servidão por Salomão, a uma vida de fiação e tecelagem de tapetes. Não pertencendo à sociedade dos humanos nem dos espíritos, portanto, uma anomalia em um mundo delicadamente equilibrado, ela busca o antinatural ao cobiçar o governo. (Tradução nossa)¹⁴.

Sob este aspecto, uma mulher independente, inteligente e com extraordinária capacidade para governar, é uma figura maior que humana e é capaz de oferecer a ele (Salomão) um desafio¹⁵. Porque Lassner faz tal afirmação da Rainha de Sabá, sobre ser ela maior que um humano se a mesma

¹¹ WARNER, 1995, p. 164.

¹² LÓPEZ, 2003, p. 21.

¹³ LASSNER, Jacob. *Demonizing the Queen of Sheba: Boundaries of Gender and Culture in Postbiblical Judaism and Medieval Islam*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1993, p. 73. Original: “*the Queen of Sheba, a proud and presumptuous woman whose very presence threatens to jar Solomon's balanced and harmonious world*”.

¹⁴ LASSNER, 1993, p. 73. Original: “*Bilqis is not prepared to accept the place of a Woman among humans. Nor will she be confined, as are the jinnis held in servitude by Solomon, to a life of spinning cloth and weaving carpets. Belonging neither to the society of humans nor of spirits, hence an anomaly in a world otherwise delicately balanced, she seeks the unnatural in coveting rule. But who would have a woman rule over them? The question of succession became a source of dispute between rival parties*”.

¹⁵ BRINNER, William M. Reviewed Work: *Demonizing the Queen of Sheba: Boundaries of Gender and Culture in Postbiblical Judaism and Medieval Islam* by Jacob Lassner. *Journal of the American Oriental Society*, v. 116, n. 1, 158-160, jan./mar. 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/606408>. Acesso em: 1 ago. 2022.

afirmação não é dita sobre Salomão. Será que uma mulher comum não pode se igualar a um homem como Salomão na disputa de enigmas?

Sim. Embora seja uma mulher, a rainha de Sabá é distinta, pois também tomava decisões. Este papel não cabia às mulheres em Israel, porém, em outras nações, era exercido por elas. A mulher vem com perguntas difíceis e se revela (contra todo o estereótipo negativo de ser mulher e estrangeira) como uma mulher extremamente sábia.

E, como rainha, ela é retratada como uma monarca poderosa, com posição, riqueza e sabedoria. E se apresenta como alguém em pé de igualdade com Salomão¹⁶. Nesta direção Josefo finaliza seu comentário sobre a rainha do Sabá, dizendo: “assim, a princesa voltou sem que nada se pudesse acrescentar à satisfação que havia recebido e à que havia causado”¹⁷. Retratado desta forma, suas palavras têm poder retórico que o narrador usa tanto para destacar a riqueza e a sabedoria de Salomão, quanto para destacar a da rainha de Sabá.

Desse modo, apresenta-se esta rainha cheia de mistérios simplesmente por ser uma “outra” – uma mulher no mundo dos homens, uma estrangeira na corte do rei Salomão – com um peso e valor simbólico muito mais amplo daquele que lhe foi concedido. Jilliam Stinchcomb assevera: “Ela é poderosa e capaz de enquadrar um dos maiores reis do antigo Israel em seus próprios termos, é isso que a torna realmente emocionante, especialmente quando estamos tão famintos por modelos de mulheres poderosas e seguras de si”¹⁸.

Maricel López diz que o fato de a rainha de Sabá propor enigmas ao sábio Salomão é uma transplantação da sabedoria feminina para o rei e, de certa forma, uma influência da sabedoria africana no tempo dos reis israelitas. A autora afirma que “[...] a maior expoente da Sabedoria sul-Árábica, nos textos bíblicos, é a rainha de Sabá. Tudo aponta para o fato dela [sic] ser a personificação da sabedoria, do direito e da justiça dentro da religião dos sabeus”¹⁹.

A Rainha de Sabá é uma das poucas personagens femininas nas Escrituras Hebraicas ou no Alcorão que não é apresentada com um estereótipo de uma mulher em relação a um personagem

¹⁶ BEAL, Lissa M. Wray. *1 & 2 Kings*. Downers Grove, IL: IVP Academy, 2014, p. 164.

¹⁷ ANTIGUIDADES JUDAICAS, Livro Oitavo, Capítulo 2, 338. In: JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 396.

¹⁸ GOODMAN, Lawrence. An Obscure Biblical Figure, a Black Feminist Pop Icon. *Brandeis Magazine*, Waltham, MA, 2022. Original: “She’s powerful and able to meet one of ancient Israel’s greatest kings on her own terms,” [...] “That makes her really exciting for people to think about, especially in the modern period when we’re so hungry for models of powerful, self-assured women”. Disponível em: <https://www.brandeis.edu/magazine/2022/winter-spring/featured-stories/sheba.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹⁹ LÓPEZ, 2003, p. 23.

masculino. Ela não é serva, esposa, filha, irmã ou mãe de alguém, mas mulher independente e empoderada.

O Alcorão também evoca a sabedoria da Rainha de Sabá²⁰. Fazendo um rápido resumo do texto sagrado dos muçulmanos, assim se apresenta a história de Salomão e a Rainha do Sabá: o Livro narra que Salomão, enquanto inspecionava seu exército de humanos, animais e gênios, percebera que seu pássaro mensageiro, uma ave conhecida como “poupa”, estava desaparecida. Passou, então, a buscar uma razão para aquele fato. O texto informa que a ave está visitando a Rainha de Sabá. Quando retorna, o pássaro diz a Salomão que ela reina sobre uma terra onde as pessoas adoram o sol, e que a rainha é extremamente poderosa e inteligente.

Comparativamente, a história envolvendo a Rainha de Sabá no Alcorão difere em muitos detalhes da história em 1 Reis. Desde a primeira cena, a história descreve uma narrativa oposta à história das escrituras hebraicas. Na Surata 27:23, é Salomão quem ouve falar sobre a Rainha de Sabá, e não a Rainha que busca informações sobre Salomão. No texto corânico, ainda há outro ponto de divergência em relação à narrativa bíblica de 1 Reis: nesta a ênfase é posta no teste que a Rainha aplica a Salomão; naquele, no teste que Salomão aplica à Rainha. Ele decide enviar uma carta à Rainha (v. 28), e a cena seguinte se passa na corte da Rainha que recebe a carta, reconhecendo-a como 'digna de respeito' (v. 29)²¹.

No v. 41, Salomão organiza seu próprio teste para a Rainha. Ele disfarça o trono dela de alguma forma para ver se a rainha é sábia o suficiente para reconhecer seu próprio trono. Novamente os detalhes são opostos nas duas histórias: em I Reis, Salomão conhece todas as coisas ocultas; aqui, se a Rainha for sábia, ela triunfará no teste, sabendo como seu trono foi escondido dela por trapaça.

Quando ela se apresenta, Salomão pergunta: ‘Assim é teu trono?’ (v. 42). Ela responde: ‘É como se o fora’. Ela é bem-sucedida no teste, mas admite que seu reconhecimento do trono foi possível porque ela teve conhecimento disso com antecedência e se submeteu a Deus.

Então, no v. 42-44 a Rainha reconhece o Deus de Salomão. Ela concorda com as exigências dele, se submete ao 'Senhor dos Mundos', deixa sua adoração a outros deuses e aceita a verdadeira religião oferecida por Salomão. Admirada e maravilhada com Salomão, ela se submete a Alá, reconhecendo o poder que está por trás apoiando Salomão.

²⁰ ALCORÃO SAGRADO. Tradução de Samir El Hayek. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010, p. 338-340.

²¹ LASSNER, Jacob. Bilqīs. In: MCAULIFFE, Jane Dammen. *Encyclopaedia of the Qur'ān*. Leiden; Boston, MA; Köln: Brill, 2001, vol. 1, p. 229.

Nas Escrituras hebraicas, ela perde o teste, mas recebe 'tudo o que deseja', o que foi interpretado como sabedoria em vez de mera esperteza. Não é o desejo com o qual ela veio a Salomão, mas o desejo que ele é capaz de realizar. Embora pareça humilhada por perder o teste, ela não foi vencida, mas partiu como uma mulher sábia, levando tudo o que desejava. No Alcorão, ela perde o que desejava não perder - sua independência, seu orgulho de não ser humilhada e talvez sua antiga liberdade de adoração - mas ganha sabedoria ao se submeter a Alá O Misericordioso.

Na resenha que faz ao citado livro de Lassner, referindo-se aos capítulos IV e V, “[...] Islamizando temas universais e especificamente judaicos” e “A transferência e Absorção de Artefatos Culturais”²², respectivamente, Brinner afirma que estes dois capítulos chegam a ser irritantes para pesquisadoras e pesquisadores que se lançam por primeira vez à análise acadêmica destes textos. O próprio Lassner, de maneira muito ácida, vê a rainha de Sabá como alguém hábil em manipular a autoridade, especificando o uso da expressão no sentido quase literal de se domar um animal. Lassner afirma: “Esta é uma mulher que literalmente tem grandes lutadores comendo em sua mão. Agora é a vez de Salomão ser tratado como eram os garanhões anteriormente intactos”²³.

Ainda que as tradições islâmicas, cristãs ou judaicas evidenciem a sabedoria de Salomão em detrimento da sabedoria da rainha do Sabá, ao ler o texto bíblico, esta sabedoria fica explícita. Entendemos que a rainha de Sabá identificou o motivo pelo qual Salomão ficou famoso: graças ao Nome do SENHOR. “A rainha de Sabá tomou conhecimento da fama que Salomão havia alcançado, graças ao Nome do SENHOR, e foi a Jerusalém a fim de averiguar sua sabedoria” (I Rs 10.1a – King James 1611). Vemos que ela descobriu o motivo pelo qual Deus capacitou a Salomão e fez dele rei; foi porque Deus amava o seu povo. “Bendito seja o SENHOR, o teu Deus, que se agradou de ti e te colocou no trono de Israel. Por causa do amor leal e eterno do SENHOR para com Israel”²⁴ (I Rs 10.9a – KJ 1611). O que vemos é que depois da visita desta sábia mulher “nunca mais veio especiaria em tanta abundância, como a que a rainha de Sabá ofereceu ao rei Salomão” (I Rs 10.10b).

NEGRA E BELA

²² BRINNER, 1996, p. 160. Original: “Islamizing Universal and Specifically Jewish Themes,” and “The Transfer and Absorption of Cultural Artifacts”.

²³ LASSNER, 1993, p. 79. Original: “This is a woman who literally has great fighting men eating out of her hand. Now it is Solomon's turn to be handled as were the previously unbroken stallions”.

²⁴ BKJ. Bíblia de Estudo King James 1611. Niterói. Bv Books Editora, 2018.

Para Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século, nascido na Judéia – que mais tarde recebeu a cidadania romana – a rainha de Sabá torna-se africana e recebe o nome de Nicolis. Josefo diz que ela governou o Egito e a Etiópia. Considerando o contexto em que Josefo vivia quando o Egito estava sob controle romano e o país era uma joia da coroa imperial, levando em conta que a memória de Cleópatra estava bem viva, o fato de ter uma rainha do Sabá comandando a região teria parecido impressionante para os leitores contemporâneos.²⁵

Governar a Etiópia – a borda sul difusa do mundo conhecido, além do alcance do Império Romano, apenas às vezes acessível pelo comércio – dotou a rainha com um certo exotismo e alteridade, apenas suficiente para despertar a imaginação do leitor romano sem forçar a credibilidade ou gerar repulsa.

O relato de Josefo sobre o encontro da rainha e Salomão termina com uma nota positiva para os judeus. “Certamente nem uns nem outros poderiam agradecer o bastante a Deus essa tão grande graça”²⁶, diz a rainha. Josefo insere esta narrativa distinta, para gerar significado da localização do Egito e da Etiópia. Ele é o primeiro escritor, em seus materiais sobre a Rainha de Sabá, a apresentar uma conexão clara entre a Rainha de Sabá e a África.

Isso é captado por Orígenes de Alexandria, que usa a identificação que Josefo faz dela como rainha do Egito e da Etiópia, como justificativa para entendê-la como a amada negra do Cântico dos Cânticos. Orígenes, sendo egípcio, teria uma relação natural em conviver com pessoas de pele negra, como os etíopes, núbios e povos africanos, porém, de certa maneira, estando sob domínio romano precisava fazer um equilíbrio entre classes e raças.

Josefo relata que a Rainha de Sabá era africana e governara a Etiópia e o Egito. Lupi mostra que esta personagem etíope, em Orígenes, vai se tornando bem mais complexa, “pois a esposa, que de morena ou negra passou a ser etíope, e por afinidade foi a Rainha de Sabá, se identificou com a Igreja e logo depois com a comunidade dos apóstolos, aos quais Cristo na véspera de morrer abriu seu coração (II 1, 30)”²⁷.

A Etíope é um personagem complexo, que acumula simbolismos. O segundo livro do Comentário de Orígenes abre com o versículo “Fusca sum et formosa” (Cântico 1,5). A Vulgata, no verso 4 diz: “Nigra sum sed formosa”, onde as Bíblias em português trazem, de modo geral, “morena

²⁵ JOSEFO, 2018, p. 395.

²⁶ JOSEFO, 2018, p. 396.

²⁷ LUPI, João. Figuras Femininas no comentário de Orígenes ao Cântico dos Cânticos. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, n. 71, ano 30, n. 2, 93-102, 2015, p. 102. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/50/45>. Acesso em: 2 jul. 2022.

e formosa”; a Standard Version inglesa traz “*black and beautiful*” e a tradução de Lutero diz “*Schwarz aber gar lieblich*”²⁸.

“Eu sou negra, porém graciosa” (Ct 1.5)²⁹. A distinção de ser o primeiro a declarar a cor da pele da rainha de Sabá cabe justamente ao teólogo cristão do século III, Orígenes de Alexandria. Ele diz em seu Comentário ao Cântico dos Cânticos:

Sou morena e formosa, ó filhas de Jerusalém! Como as tendas de Quedar e como os cortinados de Salomão” (Ct 1.5) – em outros manuscritos lemos: “Sou negra e formosa”. [...] Diz ela que as tendas da grande nação de Quedar são negras, e o próprio nome desse povo, Quedar, quer dizer negritude ou escuridão. E os cortinados de Salomão são negros, mas nem por isso “tão grande rei em toda a sua glória” desmereceu-se por seus cortinados serem escuros. Portanto, ó filhas de Jerusalém, não me critiqueis por causa da cor, pois, quer seja natural, quer resultado do exercício, não falta beleza ao meu corpo.³⁰

Lupi reforça o comentário de Orígenes enfatizando que, aparentemente, a esposa se desculpa de não ser tão bela, porém, sua beleza está em que foi criada a imagem de Deus.

Nas palavras de Orígenes “o fato de ser negra, na cor da pele, não a torna feia: negras eram as tendas de Cedar e as cortinas de Salomão, e nem por isso eram menos belas”. Negra era a mulher africana de Moisés, e sua irmã Maria foi repreendida por não querer aceitá-la. Se a negritude, a cor negra, era menos apreciada, era porque representava uma origem de fora da estirpe hebraica; porém, dessa origem menos nobre a Esposa se recuperou, ao aproximar-se da Palavra de Deus, pela penitência e pela fé, permitindo que se cumprisse nela a verdade que antes era apenas uma sombra. Por isso tornou-se bela, mas continua negra, quer dizer: oriunda de outros povos, e não da descendência de Abraão.³¹

Para Orígenes, a questão da negritude era menos apreciada não por ter ela a pele negra, mas, por representar uma origem fora da estirpe hebraica. Era isto que a enfejava, a estirpe. Não era a cor da pele, que podia ser amarela, branca ou negra, o tema aqui gira em torno da estirpe. Não ser hebreu é o que caracteriza a origem menos nobre, é estar fora do pacto. Por isso, independente de continuar negra em sua cor, ou qualquer outra cor, ao aproximar-se da Palavra de Deus, torna-se bela. Deus não faz acepção de pessoas, de raça, ou de estereótipos, quaisquer que sejam, e coloca na boca do escritor do Cântico esta pérola: negra sou e formosa. A primeira grande

²⁸ The Holy Bible, New Revised Standard Version, Oxford, OUP, 1989 (1962). Die Heilige Schrift. Nach der Übersetzung Martin Luthers, Stuttgart, Württembergische Bibelanstalt, 1961.

²⁹ BÍBLIA, King James 1611. Rio de Janeiro: Bv Books, 2018.

³⁰ ORÍGENES. *Homílias e Comentário ao Cântico dos Cânticos – Negra e Bela, Estrangeira e Eleita*. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 173.

³¹ LUPU, João. Figuras Femininas no comentário de Orígenes ao Cântico dos Cânticos. Florianópolis. Encontros Teológicos, n. 71. Ano 30, n. 2, 2015, p. 101.

celebração da negritude vem de um Cântico inspirado pelo Espírito de Deus. O reconhecimento da beleza de toda uma raça vem de cima.

Para os autores acima citados, existe um fato em comum: a mulher inspiradora dos poemas de amor do livro de Cantares, era uma bela negra. E quando as filhas de Jerusalém, que faziam parte da elite ligada a corte, protestaram ao descobrir a paixão do rei, a mulher responde a indignação preconceituosa com a já famosa afirmação encontrada no texto bíblico: “Eu sou negra e formosa, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão” (Ct 1.5).

O TESTEMUNHO DE ESPIRITUALIDADE DA RAINHA DE SABÁ

“A rainha de Sabá tomou conhecimento da fama que Salomão havia alcançado, graças ao Nome do SENHOR, e foi a Jerusalém a fim de averiguar sua sabedoria” (I Rs 10.1a – King James 1611). A jornada espiritual da Rainha de Sabá inicia a partir do momento em que ela ouve falar de alguém que ficou famoso graças ao nome do Senhor. O que a atraiu para empreender uma viagem de mais de dois e quinhentos quilômetros até Jerusalém? O nome do Senhor, que estava por trás da fama de Salomão. A jornada espiritual e de sabedoria começa “graças ao nome do Senhor”.

Um verso do Novo Testamento lança um pouco de luz adicional a esta extraordinária história. Jesus dá testemunha desta mulher, dizendo: “A rainha do Sul se levantará, no Juízo, com esta geração e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão”. Mt 12.42.

No contexto deste versículo os líderes religiosos não reconhecem a Jesus e não lhe dão credibilidade. Apesar de Jesus ter feitos muitos milagres e sinais, os religiosos não criam nele e lhe pedem mais sinais. Jesus cita o profeta Jonas e a rainha do Sul, como exemplo de estrangeiros que creram. Jesus usa o exemplo e os feitos da rainha de Sabá para desafiar este líderes que viam os seus milagres e escutavam a sua sabedoria. Então, Jesus faz uma comparação entre ele e Salomão, e afirma ser maior do que Salomão, tido como padrão de realeza e sabedoria para os judeus. Na sequência Jesus faz outra comparação: entre a rainha de Sabá e ‘esta geração’, isto é, as lideranças judaicas as quais ele falava.

E que comparação seria esta? A rainha de Sabá veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria que Deus havia dado a Salomão. A mulher empreende uma viagem fantástica, milhares de quilômetros, para escutar a sabedoria de Salomão, e Jesus está ali, disponível, mas o seu povo não está disposto a escutá-lo. Uma mulher, estrangeira, aparentemente pagã, se dispõe a ouvir

alguém cuja sabedoria foi impulsionada graças ao nome de Deus, mas estes líderes, vendo os milagres e ouvindo as palavras daquele que é maior do que Salomão, se recusa a aceitá-lo.

A rainha de Sabá reconheceu a sabedoria de Deus em Salomão, os religiosos, nos dias de Jesus, não reconheceram aquele que é maior do que Salomão. A rainha do Sul honrou ao rei Salomão ao entender que Deus o havia feito rei e lhe dado sabedoria por amor ao Seu povo. Como já citado por Orígenes, a rainha de Sabá não pertencia a estirpe hebraica, não foi estimada nem pela cultura judaica e nem pela cultura da Igreja, mas honrou ao rei Salomão porque sabia que seu reinado havia sido estabelecido por Deus e foi brilhantemente reconhecida por Aquele que a atraiu, “graças ao Nome do Senhor”.

A rainha de Sabá julgará ‘esta geração’ que se negou a reconhecer que Jesus também foi estabelecido por Deus. Salomão recebeu a visita da sabedoria personificada na rainha de Sabá, mas não aproveitou seu modelo de sabedoria, e logo após o retorno da rainha para sua terra, o seu reino entra em derrocada. A sabedoria de Deus personificada em Jesus Cristo visitou também o seu povo, mas, da mesma maneira que Salomão, eles não aproveitaram a oportunidade e Israel também entrou em derrocada. Haverá um juízo para toda uma geração que se nega a reconhecer aquele cuja sabedoria é maior do que Salomão. A rainha de Sabá testemunhou tudo isto e foi aplaudida por aquele que é maior do que Salomão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura de Josefo, Orígenes entende ser a Rainha de Sabá etíope, e para ele fica claro ser ela a amante descrita como negra e bela no Cântico dos Cânticos. “Ninguém duvide que aquela que se designou negra é a formosa que somos nós, para conhecermos Deus; [...] para irmos, dos confins da Etiópia, no extremo da terra, ouvir a sabedoria do verdadeiro Salomão”³². É a partir deste entendimento que Orígenes inferiu que a Rainha de Sabá era um tipo da Igreja de Cristo, e a torna um símbolo da Igreja Gentílica. Assim ele expressa em sua homília:

Quisemos inserir esta narrativa em nossa exposição, porque ela é bem adequada para ser como uma figura da Igreja, que chegou a Cristo vinda de outros povos, ao ponto de o próprio Senhor se referir a essa rainha nos Evangelhos dizendo que “ela veio das extremidades da terra para ouvir a sabedoria de Salomão”. Ele a chamou de “rainha do Sul” porque a Etiópia se encontra nas regiões do Sul e nas últimas extremidades da terra.³³

³² ORÍGENES, 2018, p. 40.

³³ ORÍGENES, 2018, p. 171.

Sendo um cristão africano, Orígenes queria mostrar que sua religião era uma consequência natural e uma substituição do judaísmo; a Rainha de Sabá simbolizava isso, a união espiritual entre Israel e a Igreja. Para Orígenes, a Rainha do Sabá é uma figura da Igreja. Porém, Werner considera, por sua negritude e beleza, que ela “prefigura a Virgem Maria, auge de todas as figuras femininas proféticas, incorporação da Sabedoria Divina. Este texto do Cântico foi citado para justificar todas as Madonas negras que fazem milagres em santuários antigos por todo o mundo cristão”.³⁴

Finalizamos com o Comentário de Orígenes sobre a Rainha do Sul em Mateus 12.42: “A Igreja, a rainha do sul, vem dos confins da terra e condena os homens desta geração, [...] Vem dos confins da terra para ouvir a sabedoria, não daquele Salomão de quem fala no AT, mas daquele que no Evangelho é maior que Salomão”³⁵.

Ao reconhecê-lo torna-se Igreja, torna-se modelo, e sua beleza é reconhecida, e tem a preeminência, pois, na preferência do Rei precede os filhos da casa. Salomão em toda a sua glória não pode se vestir como os lírios do campo, já a Negra e Bela Rainha do Sabá, quando Cristo vier em sua glória, julgará a geração de Salomão.

Lupe nos diz que, “ao espiritualizar, ou tornar mística, a narrativa do Cântico, Orígenes não só não minimiza nem dilui os aspectos sensíveis, como os acentua para que melhor reflitam a beleza da vida espiritual”³⁶. É no aspecto da espiritualidade que somos impactados com a aplicação que Orígenes faz da história de Salomão e a Rainha de Sabá.

Percebe-se que, se considerada como representação da vida da Igreja, a história de Salomão e a Rainha de Sabá prefigura um encontro de admiração mútua, de doação e recebimento, de troca de saberes, onde ambos são satisfeitos. Como disse Brueggemann ao princípio deste artigo, isso aumenta a maravilha do encontro³⁷. Um apelo à espiritualidade prática é reconhecer isto, reconhecer que para todas as coisas, Deus é a fonte da sabedoria e que somos seus cooperadores e cooperadoras.

Em meio à prática do encontro entre Cristo e a Igreja, que é o nosso culto, que entendamos isto: mesmo entre mestres e doutores, a nossa sabedoria evoca um saber maior, o Deus que está por detrás do nosso culto, ensino e serviço. Na sabedoria dos mestres e da Igreja, na partilha e no encontro, se vê que Deus ama o seu povo. Assim, a espiritualidade da Rainha de Sabá pode ser

³⁴ WARNER, 1995, p. 166.

³⁵ ORÍGENES, 2018, p. 40-41.

³⁶ LUPI, 2015, p. 93.

³⁷ BRUEGGEMANN, 2000, p. 131.

resumida de maneira simples: reconhecendo que a sabedoria que está sobre as mestras, doutoras, pastoras e demais líderes acontece graças ao Nome do Senhor. Honre estas pessoas, aprenda com elas, depois vá para tua terra e compartilhe. Esta é, segundo Jesus Cristo, a expressão de sabedoria, espiritualidade e testemunho da Rainha de Sabá.

Negra e bela aos olhos de Salomão. Negra, bela e poderosa aos olhos de Josefo. Negra, poderosa e muito inteligente aos olhos do Alcorão. Negra, bela e santificada aos olhos de Orígenes.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ALCORÃO SAGRADO. Tradução de Samir El Hayek. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010, p. 338-340.

ANTIGUIDADES JUDAICAS, Livro Oitavo, Capítulo 2, 395-396. In: JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 395-396.

BEAL, Lissa M. Wray. *1 & 2 Kings*. Downers Grove, IL: IVP Academy, 2014, p. 164.

BRINNER, W. (1996). *Review of Demonizing the Queen of Sheba: Boundaries of Gender and culture in Postbiblical Judaism and Medieval Islam*, by J. Lassner. *Journal of the American Oriental Society*, 116(1), 158–160. <https://doi.org/10.2307/606408>. Acesso: 01 ago 2022.

BRUEGGEMANN, Walter. *1 & 2 Kings*: Macon, GA: Smyth & Helwys Publishing, 2000. p. 131.

EL HAYEK, Samir. *Alcorão Sagrado*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

GRYSON. Roger et al (Eds.). *Bíblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem*. 4. ed. Corrigida. São Paulo: SBB, 2011.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

LASSNER, Jacob. Bilqīs. In: MCAULIFFE, Jane Dammen. *Encyclopaedia of the Qur'ān*. Leiden; Boston, MA; Köln: Brill, 2001, vol. 1, p. 229.

LASSNER, Jacob. *Demonizing the Queen of Sheba: Boundaries of Gender and Culture in Postbiblical Judaism and Medieval Islam*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1993, p. 73-79.

LÓPEZ, Maricel Mena. *A Rainha de Sabá: uma proposta de reconstrução histórica da sabedoria da sabedoria feminina afro-asiática do século X a.C*. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 11, n.

42, p. 19-33, jan./mar. 2003. p. 22. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/24950/17809>. Acesso em: 2 jul. 2022.

LUPI, João. *Figuras Femininas no comentário de Orígenes ao Cântico dos Cânticos*. Encontros Teológicos, Florianópolis, n. 71, ano 30, n. 2, 93-102, 2015, p. 102. Disponível em:

<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/50/45>. Acesso em: 2 jul. 2022.

MOTA, Margarida. *Os Guardiões Muçulmanos do Túmulo de Jesus*. *Expresso*, Matosinhos, 16 abr. 2017. Seção “Sociedade”. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2017-04-16-Os-guardiaes-muculmanos-do-tumulo-de-Jesus>. Acesso em 2 de jul. 2022.

ORÍGENES. *Homílias e Comentário ao Cântico dos Cânticos* – Negra e Bela, Estrangeira e Eleita. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 40-41;171-173.

STINCHCOMB, Jillian. *An Obscure Biblical Figure*. Waltham: Brandeis Magazine. 2022. Conteúdo disponível em: <https://www.brandeis.edu/magazine/2022/winter-spring/featured-stories/sheba.html>. Acesso: 25 jul. 2022.

SWEENEY, Marvey A. *I & II Kings: a commentary*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2007, p. 147.

The Holy Bible, New Revised Standard Version, Oxford, OUP, 1989 (1962). Die Heilige Schrift. Nach der Übersetzung Martin Luthers, Stuttgart, Württembergische Bibelanstalt, 1961.

TIDSWELL, Toni. *A Clever Queen Learns the Wisdom of God: The Queen of Sheba in the Hebrew Scriptures and the Qur'an*. *Hecat*, Brisbane, QL, v. 33, n. 2, p. 43-55, 2007. Disponível em: <https://hecate.communications-arts.uq.edu.au/volume-332-2007>. Acesso: 9 jan. 2023.

WARNER, Marina. *Dentro e fora da congregação: sabedoria, perigo e fascínio na História da Rainha de Sabá*. In: BÜCHMANN, Christina; SPIEGEL, Celina (Orgs.). *Fora do Jardim: mulheres escrevem sobre a Bíblia*. Tradução de Tania Penido. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 161-176.